

COMPETITIVIDADE DO AGRONEGÓCIO¹

Raquel Nakazato Pinotti²

Primeiramente, a questão de competitividade tem que ser tratada dentro da lógica de mercado, globalização e diversas variáveis da economia nacional e internacional. A competitividade do agronegócio brasileiro, nos últimos anos, teve resultados positivos: foi o único segmento produtivo que obteve crescimento, em um período agravante de crise financeira e econômica do país.

Para entender a dinâmica do agronegócio, a seguir serão apresentados números com seus resultados do setor produtivo. Com exceção no ano de 2016, os dados do PIB agropecuário do IBGE ratificam esse movimento crescente dos últimos anos. Na tabela a seguir pode ser verificada a taxa de crescimento, em relação ao ano anterior, dos três setores da atividade econômica brasileira.

Tabela 1. Taxas de variação do PIB brasileiro, por atividade econômica, de 2013 a 2016.

PIB	Agropecuário	Indústria	Serviços	Total
2013	8,4%	2,20%	2,8%	2,7%
2014	2,1%	-0,90%	0,4%	0,1%
2015	1,8%	-6,2%	-2,7%	-3,8%
2016*	-5,9%	-2,9%	-2,2%	-4%
Acumulado	6,4%	-7,8%	-1,7%	-5%

*dados acumulados de janeiro a setembro de 2016

Fonte: IBGE, vários anos.

1 A palestra foi proferida na mesa redonda, no dia 19 de outubro de 2016, no “Simpósio Ciência, Tecnologia e Sociedade: Mobilizar o Conhecimento para Alimentar o Brasil” na UNESP/Bauru. Este evento integrou a “Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2016: Ciência Alimentando O Brasil”.

2 Pesquisadora Científica da APTA Regional - Bauru da Secretaria da Agricultura do estado de São Paulo. Economista. E-mail: raquelnakazato@apta.sp.gov.br

No ano de 2016, a crise econômica brasileira foi mais agravante e todos os setores produtivos tiveram uma queda acentuada em seus resultados. O PIB agropecuário teve problemas com os produtos, principalmente com: milho (-25,5%), algodão (-16,9%), laranja (-4,7%) e cana-de-açúcar (-2%). Essa retração foi consequência da queda no volume de produção, em decorrência de variações edafoclimáticas que afetaram a produtividade, pois o comportamento dos preços das *commodities* esteve em alta no período. O resultado acumulado, nos últimos anos, foi agravante, principalmente para o setor industrial, que teve um decréscimo de 7,8%, seguido pela de serviços com -1,7%. Apesar do ano de 2016 ter sido de forte desaceleração, o setor agropecuário teve crescimento de 6,4% no período.

Outro indicador que possui reflexos expressivos da atividade econômica é o saldo das exportações nacionais. O Brasil caracteriza-se por ser importante exportador de *commodities* agropecuárias. Em 2015, a participação do agronegócio na balança comercial brasileira teve melhor resultado de participação, com 46,2% do volume total de produtos da pauta. Vale destacar alguns produtos que tiveram crescimento: soja em grãos com 19%, farelo de soja 8%; milho 40%, frango *in natura*: 7% e celulose: 8%. Na tabela 2 pode ser observado os valores nominais. A balança comercial do agronegócio nacional sempre foi muito importante, mas nos últimos anos têm sido resultados recordes como ocorreu, em 2015, com mais de 46% do valor exportado pelo país.

Tabela 2. Balança comercial brasileira e balança comercial do agronegócio, 2011 a 2015, US\$ Bilhões

Ano	Exportações			Importações			Saldo	
	Total Brasil (A)	Agronegócio (B)	Part.% (B/A)	Total Brasil (C)	Agronegócio (D)	Part.% (D/C)	Total Brasil	Agronegócio
2011	256,040	94,968	37,09	226,247	17,508	7,74	29,793	77,460
2012	242,578	95,814	39,50	223,183	16,409	7,35	19,395	79,405
2013	242,034	99,968	41,30	239,748	17,061	7,12	2,286	82,907
2014	225,101	96,748	42,98	229,154	16,614	7,25	-4,054	80,134
2015	191,134	88,224	46,16	171,449	13,073	7,63	19,685	75,151

Fonte: MAPA, 2016

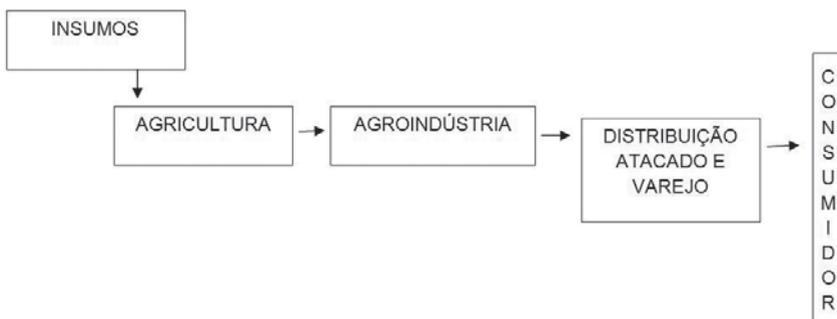
Diante dessas variáveis pode-se afirmar que o agronegócio brasileiro é o mais competitivo do mundo, principalmente nas cadeias produtivas: grãos (soja e milho), carnes, madeira, cana-de-açúcar e frutas. Esses produtos representam as grandes cadeias produtivas brasileiras que estão dentro da dinâmica do Agronegócio ou *agribusiness*. Dentre as características de destaque do setor estão: elevada competitividade dos produtos nacionais e internacionais, utilização de tecnologias moderna, eficiência produtiva e elevada visibilidade no cenário nacional e internacional. O crescimento do agronegócio foi muito mais expressivo do que outros segmentos produtivos. Os resultados da balança comercial e atividade

econômica estão sendo muito decisivos no período de crise econômica brasileira, seja a sua atuação no mercado interno como externo.

Para a compreensão da competitividade de um segmento produtivo é necessário uma padronização dos conceitos, ou seja, um alinhamento da metodologia para o mesmo fenômeno. O termo agronegócio refere-se a todas as etapas relacionadas às atividades da área rural, desde a produção de insumos agrícolas, agricultura, silvicultura, pecuária, indústria de transformação e consumidor final. Trata-se dos negócios que envolvem desde o antes até a pós-porteira. Diversos trabalhos (jornalísticos, acadêmicos, pesquisa e outros) são realizados para mapear e compreender essas atividades, para melhor entendimento é necessário a delimitação da abordagem de Agronegócios (*Agribusiness*) como Cadeia Produtiva Agropecuária (*Commodity System Approach-CSA* ou *Filière*) ou Cadeia Agroindustrial ou Sistema Agroalimentar (SAG).

Pode-se dividir em três categorias de análise. A seguir serão apresentadas as abordagens.

1) Cadeia produção agroindustrial ou cadeia agroindustrial tem origem em *Commodity System Approach (CSA)*. Segundo alguns autores, como Zylbersztajn (2000), Batalha (1997), Batalha e Scarpelli (2005), Graziano (1998) e Belik, Bolliger e Graziano (2000), o conceito de agronegócio (tradução de *agribusiness*) foi desenvolvido em 1957 por Davis & Goldberg (Universidade de Harvard nos EUA) com o objetivo de analisar atividades do sistema produtivo de base agropecuária. Em 1968, os autores utilizaram o conceito de agronegócio sob a denominação de *Commodity System Approach (CSA)*. Essa abordagem tem o ponto de partida na matéria-prima ou *commodity* como a base para vários produtos diferentes. Ou seja, preocupa-se com as transformações sequenciais pelas quais passa esta matéria-prima até chegar ao produto final. Os seus estudos possuem o enfoque na variável preço dos produtos, mas não tratam da dinâmica nem da coordenação entre os atores da cadeia. Desde a indústria de fornecedor insumos ao consumidor final. Engloba todos os participantes envolvidos na produção (suprimento da fazenda, as fazendas, operações de estocagens), processamento e comercialização de um produto específico (atacado e varejo) em fluxo desde os insumos até o consumidor final. A Figura 1 é modelo padrão de uma cadeia.



Fonte: Elaborada pela autor a partir de Batalha (1997) e Zylbersztajn (2000).

Figura 1. Cadeia produção agroindustrial

2) Filière

De origem francesa, o conceito refere-se à cadeia agroalimentar. Sendo para a cadeia de produto final, *Filière de produit* ou *Filière de production* para a matéria-prima. Morvan (1985) afirma que essa abordagem, é uma sequência de operações que levam à produção de bens, cuja articulação é influenciada pela fronteira de possibilidades ditadas pela tecnologia e é definida pelas estratégias dos agentes que buscam a maximização dos seus resultados.

“As relações entre as atividades e os agentes revelam as interdependências e as complementaridades e são amplamente determinadas por forças hierárquicas. Utilizada em vários níveis de análise, a filière aparece como um sistema, mais ou menos capaz, conforme o caso, de garantir sua própria transformação.”
(MORVAN, 1985, p. 244)

A definição feita por Batalha (1997) ocorre a partir da identificação de determinado produto final, que após a assimilação, cabe ir encadeando, de jusante à montante, as várias operações técnicas, comerciais e logísticas necessárias a sua produção. Ela pode ser dividida em três macrosegmentos: comercialização (supermercados, restaurantes, mercearias, empresas ligadas à logística de distribuição), industrialização (firmas responsáveis pela transformação das matérias-primas em produtos finais voltados para o consumidor – tanto famílias quanto agroindústrias), produção de matérias-primas (firmas que fornecem as matérias-primas finais para outras empresas que vão processá-la até a obtenção do produto final). A diferença é que nessa abordagem, a variável tecnológica possui seu potencial em modificar o produto e a estrutura dos mercados. Para Morvan (1991) citado por Pedrozo (2004, p.6)

“reconhece que a filière aplicada ao sistema industrial apresenta pontos fortes interessantes: é uma noção que transcende os cortes correntes da economia, em setor primário, secundário e terciário, permitindo se desprender das abordagens tradicionais da realidade industrial. Enquanto que a Rainelliet al. (1991) que defende a interpretação de filière de inúmeras maneiras, agrupando-as em torno de cinco grandes concepções: a) dimensão técnica das operações envolvidas; b) as estratégias dos agentes econômicos; c) a utilização da filière como uma forma de pesquisa de coerência do sistema produtivo; d) a abordagem monográfica que estuda as relações entre os diversos estados de produção a fim de localizar os segmentos mais expostos as estratégias dos tomadores de decisão e os atores que controlam melhor o mercado final e; e) a filière como uma modalidade de corte do sistema produtivo fazendo referência as relações matriciais do sistema econômico”³

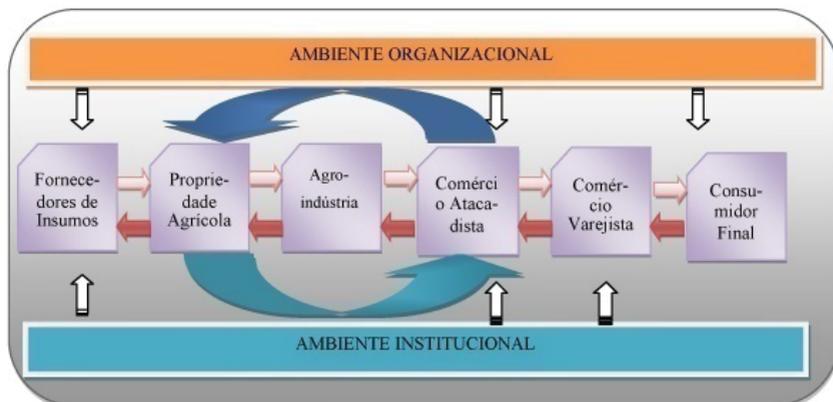
3) Sistema Agroalimentar (SAG)

A abordagem de Sistema Agroalimentar foi desenvolvida por pesquisadores do PENSA – Programa dos Estudos de Negócios do Sistema Agroalimentar da Universidade de São Paulo. Esta abordagem é derivada ao conceito de cadeias produtivas, porém envolve outros elementos além da cadeia vertical, como o ambiente institucional e organizacional (CASTRO, 2001).

Zylbersztajn (2000:13) afirma que o Sistema Agroindustrial é diferente de Goldberg e enfatiza a sua abordagem como “(...) conjunto de relações contratuais entre empresas e agentes especializados, cujo objetivo final é disputar o consumidor de determinado produto”. Além disto, ele opta por utilizar o conceito de Sistema Agroindustrial ao invés de Cadeias Agroindustriais, pois entende que o Sistema Agroindustrial envolve

“(...) outros elementos além daqueles estritamente ligados à cadeia vertical de produção. Ao adotar-se o conceito de SAG [Sistema Agroindustrial – PH], busca-se ressaltar a importância do ambiente institucional e das organizações de suporte ao funcionamento das cadeias. Assim sendo, propõe-se que SAG seja um conceito mais amplo, muito embora a literatura de cadeias produtivas também releve os aspectos institucionais”.

Outra afirmação de Zylbersztajn (2000), que o SAG é visto como um conjunto de relações contratuais entre empresas, cujo objetivo é a disputa do consumidor de determinado produto, ou seja, o SAG pode ser visto como um fluxo, amparado pelo ambiente institucional que são as regras da sociedade representadas pelas leis, tradições e costumes e, pelo ambiente organizacional que são estruturas criadas para dar suporte ao funcionamento dos SAGs. Assim, por se tratar de um enfoque mais amplo de que a cadeia analisa a dependência dentro do sistema como um resultado da estrutura de mercado ou de forças externas, tais como: ações governamentais ou ações estratégicas das corporações associadas ao domínio de um nó estratégico da cadeia. O SAG entende a importância e/ou influência do ambiente que envolvem os processos produtivos da cadeia, como as instituições e organizações. Entende-se por ambiente institucional: leis, normas, políticas públicas, hábitos-práticas e tendências locais (mudança do modelo industrial para informação: acesso às tecnologias produção, informação e consumidores volta aos hábitos mais simples e antigos e outros). E, como o ambiente organizacional é a forma de atuação das empresas, coletivos, individual, suas estratégias de produção, comercialização, financeiro, marketing e outras atividades ligadas à firma. Na Figura 2 apresenta-se ilustração do organograma dessa abordagem.



Fonte: Zylbersztajn e Farina, 1997

Figura 2. Sistema Agroalimentar-SAG

No quadro 1 foi elaborado um resumo comparativo de cada forma de abordagens teóricas para compreender o agronegócio. Os itens descritos são o foco de análise e a caracterização relevante com destaque em cada abordagem.

Quadro 1. Comparativo das formas de abordagem do agronegócio.

Tipo de abordagem	Foco da análise	Características
Cadeia Agorindustrial	Produtor rural, matéria-prima ou agroindústria	Busca da eficiência, sustentabilidade, qualidade e equidade. Destaque para as etapas físicas de produção e preços dos produtos.
<i>Filière</i>	Parte do consumidor final para realizar a análise dos fluxos. Passagem da análise técnico-operacional para econômica e estratégica.	Origem na Escola francesa. Auxilia na elaboração de políticas setoriais públicas e privadas. Destaque para de gestão organizacional com incorporação de tecnologia e influência das ações dos agentes são interdependentes.
SAG	Ambiente Institucional e Ambiente Organizacional	Cadeia vertical de produção, com destaque nas relações contratuais firmas e agentes dos elos da cadeia. Forma mais complexa para o entendimento da dinâmica do agronegócio.

Fonte: Adaptado a partir dos autores: Araujo (2009), Pedrozo (2004), Batalha (1997) e Zylbersztajn (2000)

Depois da apresentação dos resultados do setor e as abordagens teóricas, ficam questionamentos. Qual é a posição e/ou participação dos pequenos agricultores ou da agricultura familiar nessa dinâmica competitiva do agronegócio? Existe competitividade para os pequenos e médios produtores rurais? Qual é o papel do Estado: deve ser intervencionista para esse segmento produtivo? Ou apenas regulador do sistema? A “velha” dicotomia da política pública. Ela deve-se buscar: eficiência produtiva ou maior inclusão social?

Vale destacar a importância da agricultura familiar. A agricultura familiar é a grande responsável pela produção de alimentos, absorve grande quantidade de mão de obra no campo e necessidade de realizar a conservação do meio ambiente. Geralmente, estão em cadeias produtivas mais desestruturadas ou se participam das grandes cadeias possuem pouca margem de ação, sendo apenas uma engrenagem para a eficiência produtiva do sistema econômico. O setor possui diversas dificuldades principalmente em: falta de escala de produção, acesso às tecnologias de produção, acesso às informações, pouco poder de barganha para comercialização, problemas de gestão da propriedade, necessidade de desenvolver diversas atividades e outros.

Existe uma confluência de diversos especialistas em destacar os grandes gargalos apresentadas pela atividade rural. São eles:

- Elevados custos de produção: elevada burocracia, falta de mão de obra qualificada, oligopólio de multinacionais de insumos agrícolas (sementes, implementos agrícolas, adubos e defensivos) e carência de assistência técnica, com exceção das monoculturas;
- Infraestrutura precária: elevado custo de logística (rodoviário), armazenagem, ineficiência de portos e baixo investimentos nessa área;
- Fatores externos: vulnerabilidade às variações cambiais que afetam os preços que compõem os insumos de produção até a comercialização da produção. Existem também questões de sanções comerciais;
- Perda da representatividade da atividade econômica: identidade setorial agronegócio e agricultura familiar. Os atores da agricultura familiar e patronais necessitam reunir esforços institucionais e ações em busca de melhorias para atividade rural. Essa disputa entre as categorias é bem mais discreta ou quase imperceptível em outro setor, como o industrial. Por exemplo, a FIESP tenta a todo o momento defender os seus membros (grandes e pequenos). Os problemas internos, não podem aparecer nos discursos e nas ações institucionais e deve-se ter o reconhecimento o papel desenvolvido e a importância social e econômica das pequenas empresas. O mesmo caminho deve ser trilhado por entidades e órgãos ligados a atividade rural, a disputa entre as organizações de representação que atacam o outro segmento, apenas enfraquece a importância do campo diante da sociedade civil.
- Problema de coordenação: as cadeias produtivas desestruturadas, geralmente são culturas que demandam de grande utilização de mão de obra e são desenvolvidas pela agricultura familiar. Dentre as principais consequências são: perdas produtivas. Em decorrência de diversos fatores como: gestão, comercialização, planejamento, dificuldade de utilização de boas práticas agrícolas, baixo uso de tecnologias, acesso às informações e outros.

Por outro lado, existem as vantagens competitivas agronegócio, entre os destaques como:

- Fatores físicos: grande área de terra agricultável, clima favorável, poucos fenômenos naturais e grande volume de água;
- Elevado nível de pesquisas e tecnologias: institutos de pesquisas (federais e estaduais), universidades e empresas;
- Políticas Públicas: são diversos programas de fomento, acesso ao crédito, programas aquisição de alimentos, regulação de preços;
- Abundância de mão de obra: Dentre os fatores de produção, a mão de obra possui uma relação significativa. As atividades agrícolas que demandam maior utilização dela estão presentes na agricultura familiar. Ou mesmo monoculturas que necessitam de uso da mão de obra em etapas específicas, como a colheita da laranja consegue atrair trabalhadores de regiões mais carentes para executar essa atividade;
- Coordenação das cadeias produtivas: os produtos agrícolas que possuem maior volume de produção são estritamente coordenados. E possuem resultados eficientes e melhor competitividade internacional de seus produtos;
- Grande mercado consumidor interno: a produção de alimentos, energia e agroflorestal têm sido absorvidas pelo mercado interno. Outro tipo de negócio que vem se destacando são os nichos de mercado (orgânicos, artesanais e regionais). Outro destaque é o retorno das formas de comercialização, através de vendas diretas do produtor rural aos consumidores, como feiras e entregas à domicílio. Alguns autores tratam como uma forma de encurtamento da cadeia para obtenção de maiores ganhos dos atores.
- Trajetória de Dependência (*path dependence*): a história agrícola do país, através dos grandes ciclos econômicos das culturas, como cana-de-açúcar, café e seringueira. Em certa medida foram desenvolvidas competências institucionais para o excelente resultado do agronegócio brasileiro. Tornando-se uma vocação rural para a economia, principalmente em períodos de crise.

O agronegócio e a agricultura familiar necessitam perceber que a sinergia de esforços é necessária para melhorias na atividade rural. Principalmente, porque as dificuldades são comuns para ambas as categorias e os benefícios de um segmento produzem *spill over* na outra.

Nota

3 Segundo Pedrozo (2004, p.7) falta de unanimidade e a multiplicidade de entendimentos existentes sobre a noção de *filière*. Valendo-se das perspectivas apresentadas, entende-se que o enfoque de *filière* representa um avanço além de uma descrição fenomenológica e apresenta as bases para construção de um corpo teórico mais elaborado em direção ao enfoque “mesoanalítico”.

Referências

- ARAÚJO, P.H.F. Uma resenha sobre complexos agroindustriais, cadeias agroindustriais e organização de rede. 2009. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER). 47., 2009, Porto Alegre-RS. **Anais...** Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/13/330.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- BATALHA, M. O. Sistemas agroindustriais: definições e correntes metodológicas. In: BATALHA, M. O. (Coord.). **Gestão agroindustrial**. São Paulo: Atlas, 1997, v. 1, p. 23-48.
- BATALHA, M. O.; SCARPELLI, M. Gestão do agronegócio: aspectos conceituais. In: BATALHA, M. O. (Coord.). **Gestão do agronegócio: textos selecionados**. São Carlos: EdUFSCAR, 2005. p. 9-25.
- BELIK, W.; BOLLIGER, F. P.; GRAZIANO, J. da S. Delimitação conceitual da agroindústria e evidências empíricas para o Estado de São Paulo. In: MONTOYA, M. A.; PARRÉ, J. L. (Orgs.). **O agronegócio brasileiro no final do século XX: realidade e perspectiva regional e internacional**. Passo Fundo: UPF, 2000, v. 2, p. 57-79.
- FARINA, E. M. M. Q.; ZYLBERSZTAJN, D. (Coord.). **Competitividade do agribusiness brasileiro**: relatório de pesquisa publicado em CD-Rom. IPEA/Pensa/IPEA, 1997.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acessado em: diversas datas.
- MAPA. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. 2016. Disponível em: <<http://www.mapa.gov.br>>. Acessado em: 29 nov. 2016.
- MORVAN, Y. **Filière de Production: Fondements d'Economie Industrielle**. Paris: Economica, 1985.
- PEDROZO, E. A.; ESTIVALETE, V. F. B.; BEGNIS, H. S. M. **Cadeia(s) de agronegócio**: objeto, fenômeno e abordagens teóricas. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2004/GAG/2004_GAG2886.pdf>. Acessado em: 10 dez. 2016.
- ZYLBERSZTAJN, D. Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Economia e gestão dos negócios agroalimentares**: indústria de alimentos, indústria de insumos, produção agropecuária, distribuição. São Paulo: Pioneira: Pensa/USP, 2000, p. 1-21.
- ZYLBERSZTAJN, D.; FARINA, E. M. M. Q. Strickly coordinated supply systems. 1997. In: SIMPÓSIO DE SISTEMAS AGROINDUSTRIAIS, 1., 1997, Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: FEA/USP, 1997.